



LIVRO DE ROMANOS

COMENTÁRIOS DO CAPÍTULO 1



Pr. Lúcio Mauro Silva Lima



COMENTÁRIOS DO CAPÍTULO 1

1:1

O estilo da carta e a forma de escrevê-la varia de cultura para cultura. Modernamente, as cartas são iniciadas com o destinatário (“cara Joana”) e só no final o remetente se identifica. No mundo antigo, entretanto o costume era outro: primeiro o remetente se identificava e em seguida indicava o destinatário (“João para Joana, saudações!”).

Paulo geralmente seguia as normas de seu tempo. Aqui porém se desvia um pouco, apresentando sobre si mesmo, em relação ao evangelho, uma descrição mais elaborada do que costumava fazer. A razão é, provavelmente, porque não foi ele quem fundou a igreja de Roma. Além disso nunca tinha estado lá. Sente por isso que deveria apresentar suas credenciais de apóstolo.

Ele começa: *Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus.*

“Servo” vem do grego *doulos*, e deveria, na verdade, ser traduzido como “escravo”. No AT existia uma respeitável sucessão de indivíduos israelitas, começando com Moisés e Josué, que se autodenominavam “escravos (servos)” (*ebed*) de Jeová; e Jeová por sua vez chama Israel como um todo de “o meu escravo”.

O termo “apóstolo” foi, desde o início, um termo especificamente cristão, sendo que o próprio Jesus o escolheu para designar os doze (Lc 6.12). Havia algumas marcas que distinguiam os apóstolos: terem sido direta e pessoalmente chamados e delegados por Jesus; terem sido testemunhas oculares do Jesus histórico, pelo menos de sua ressurreição (At 1.21-26); e terem sido enviados por Ele para pregar com Sua autoridade. Os apóstolos do NT lembravam tanto os profetas do AT, que eram chamados e enviados por Jeová para falar em seu nome, quanto os cabeças das doze tribos de Israel que exerciam autoridade (governo e justiça) no meio do povo de Deus. Paulo via um paralelo entre sua consagração para ser apóstolo e a de Jeremias para ser profeta, pois em Gálatas ele escreve que Deus o *separou* antes de nascer, e então o chamou para pregar entre os gentios (Gl 1.15; Jr 1.5). Portanto, ao pensarmos no encontro de Paulo com Cristo na estrada de Damasco, devemos vê-lo não apenas como sua conversão, mas como seu envio para ser apóstolo (“Eu te envio”, *ego apostello se*).



Como apóstolo Paulo tinha a função de receber, proclamar e defender a mensagem do evangelho, combinando os papéis de advogado e mensageiro.

1:2

Paulo estabelece a credibilidade ao evangelho pela antiguidade, pois, embora Deus tenha revelado o evangelho para os apóstolos, este não se constitui uma completa novidade para eles, pois Deus já havia prometido por meio de seus profetas nas Escrituras do AT. O evangelho para o qual Paulo foi separado não é uma mensagem que tenha surgido como uma inovação no mundo, pelo aparecimento de Cristo e do ministério dos apóstolos. Pelo contrário é aquilo que “Deus, outrora”, havia prometido “por intermédio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras”. Existe uma evidente continuidade entre o Antigo e o Novo Testamento. O Próprio Senhor Jesus deixou claro que as Escrituras testificavam dEle, que Ele era o **filho do homem** do qual falava Daniel 7, e o **servo sofredor** de Isaías 53 (Jo 5.39; Lc 24.25,27,44). Portanto o evangelho tem um *duplo atestado de autenticidade*, isto é, os profetas do AT, e os apóstolos do NT.

Ao falar em “outrora prometido”, o apóstolo tencionava sugerir que a revelação dada no passado não pertencia exclusivamente àquilo que se cumpriria e se tornaria eficaz na plenitude dos tempos. Esta suposição seria incoerente com o ensino do capítulo 4. **O evangelho mostra-se também eficaz no caso daqueles que o recebem na forma de promessa.**

1:3

Se juntarmos os versículos 1 e 3, omitindo o 2, teremos a declaração que Paulo foi separado para o evangelho de Deus *acerca de seu Filho*. A boa nova de Deus é Jesus. Lutero escreveu que deste verso se escancaram as portas para a compreensão das Escrituras, ou seja, QUE TUDO DEVE SER ENTENDIDO EM RELAÇÃO A CRISTO. Calvino escreveu que se apartar de Cristo um passo que seja, significa afastar-se do evangelho. O evangelho se ocupa do Filho de Deus.

DIVINDADE E HUMANIDADE são os dois requisitos que devemos procurar em Cristo, caso pretendamos encontrar nele a salvação. Sua divindade contém PODER, JUSTIÇA e VIDA, os quais são comunicados pela sua HUMANIDADE.

A nota especial que Paulo apresenta da linhagem e descendência de Cristo, de seu ancestral Davi, refere-se à promessa (II Sm 7.12, 13, 16; Sl 89.3,4,19,24; 132.17; Is 11.1-5,10; Jr 23.5,6; 30.9; 33.14-16; Ez 34.23,24; 37.24) que se tornou tão amplamente conhecida entre os judeus, que em relação a mesma se generalizou o hábito de se qualificar o Messias como sendo FILHO DE DAVI .



Jesus é aqui identificado por aquele título que expressa seu ETERNO RELACIONAMENTO COM O PAI. A referida relação de filho é anterior a de sua manifestação em carne (Rm 9.5; Tt 2.13; Cl 2.9; Fp 2.6).

1:4

Neste versículo a ênfase não está nas duas NATUREZAS de Cristo (humana e divina), mas nos dois ESTADOS (humilhação e exaltação) de um processo histórico no qual Jesus se inseriu (Ele é EMANUEL). Na expressão “*designado Filho de Deus com poder*”, toda a ênfase recai em “*com poder*” (*in potentia ;en dunamei*). No versículo anterior já foi realçado que, desde a eternidade Jesus era o Filho de Deus, mas durante o seu período de humilhação, seu poder em seu grau mais pleno ficou, de certo modo, oculto. Entretanto por meio da gloriosa ressurreição, Jesus foi colocado em POSIÇÃO DE SOBERANIA, sua investidura com poder começou a resplandecer em toda a sua glória. Sua fase de HUMILHAÇÃO foi ABSORVIDA E TRANSCENDIDA pela glória de sua EXALTAÇÃO através da qual foi inaugurada a ERA DO ESPÍRITO. O derramamento e o ministério do Espírito atestam a entronização de Jesus como FILHO DE DEUS COM PODER. Esta afirmação de Paulo muito se assemelha a uma declaração de Pedro (At 2.36), na qual se afirma que posteriormente à sua crucificação Jesus foi designado Senhor e Cristo.

1:5

A corrente majoritária dos comentaristas entende que “graça e apostolado” deveria ser entendido como “graça do apostolado” por se tratar de um exemplo de HENDÍADIS, isto é, uma figura que linguagem em que um conceito é expresso por meio de dois substantivos conectados. Tal interpretação é corroborada pela passagem de Romanos 15.15,16. Portanto Paulo atribuiu seu apostolado à graciosa decisão e escolha de Deus.

“Por amor do seu nome”. O que mais importa na promoção do evangelho não é o benefício das nações, e sim a glória de Cristo, ou seja, para que o nome de Cristo seja conhecido, seu caráter seja conhecido e conseqüentemente Ele seja exaltado e glorificado (III Jo 7). Deveríamos ter zelo pela honra do nome de Cristo, sofrer quando é ignorado, indignar-nos quando é blasfemado.

“Para a obediência por fé”. O objetivo do evangelho é conduzir-nos a obediência a Deus. A natureza da fé é a obediência. Portanto a fonte de toda a nossa intencional desobediência a Deus é a incredulidade.

Ao declarar o propósito do seu apostolado, Paulo expõe outros aspectos do evangelho. Diz que este tem como alvo alcançar todas as nações (*etnos*). O que ele está afirmando é que o evangelho é para todos; sua extensão é universal.



1:6

De cujo número sois também vós. Isto provavelmente significa não só que a igreja romana estava situada no mundo gentílico, mas que seus membros eram na maioria gentios.

Os crentes de Roma eram exemplos do fruto proveniente da promoção do evangelho.

Paulo está absolutamente cômico de que ele tem o direito definido e bem especial de dirigir-se aos gentios.

Chamados para serdes servos de Jesus Cristo. Paulo agora afirma que pelo mesmo tipo de ação através da qual ele foi designado apóstolo, isto é, por CHAMAMENTO, os crentes de Roma foram constituídos discípulos de Cristo. Deus Pai é representado como o autor dessa chamada (Cf. 8.30; 11.29; I Co 1.9; II Tm 1.9). Paulo aqui se regozija ao poder afirmar que a membresia de Roma não fora apenas CONVIDADA a abraçar Jesus Cristo como Senhor e Salvador, mas também, que pela soberana graça de Deus, RESPONDEU FAVORAVELMENTE AO CHAMADO, ou seja, Paulo se refere a uma VOCAÇÃO EFICAZ (Jo 10.27,28. Cf. Jo 17.6,9,24; Tt 2.14 e I Pe 2.9).

1:7

Por causa do evangelho a particularização não é mais feita em termos de raça, mas definida pela diferença causada pela graça de Deus.

“Amados de Deus” indica a ternura e intimidade do amor de Deus Pai, isto é, descreve a atitude de Deus para com eles. **“Chamados para serdes santos”** põe a ênfase sobre o caráter eficaz da ação divina mediante a qual aqueles crentes se tornaram santos, que é o intuito e resultado da chamada eficaz. Os crentes são santificados pelo Espírito e, conforme transparecerá no ensino desta carta, o sinal mais característico de um crente é que ele se mostra santo no coração e em sua maneira de viver. Uma pessoa que pela graça e poder do Deus soberano tornou-se santa, não pode descansar em seus lauréis. Ao contrário, sendo agora santa, deve dia após dia diligenciar por viver como viveria um santo. Tal pessoa deve fazer seu máximo - não por seu próprio poder, mas pelo poder do Espírito Santo – para ser “santo e sem mácula diante dEle” (Ef 1.4).

A forma de saudação adotada pelo apóstolo é essencialmente cristã em seu caráter, provavelmente é a união do modo grego (*chaire=alegra-te*) e hebraico (*shalom=paz*) de saudação, mas que foi modificada pelo apóstolo Paulo pela troca



da palavra *chaire* por *charis* (*graça*). “Graça”, antes de tudo, é a manifestação de favor da parte de Deus. “Paz” é o resultado desse favor divino fundamentado na reconciliação consumada por Cristo (Jo 14.27; Fp 4.7). Somente quando apreciamos o que está implícito no fato de estarmos separados de Deus é que passamos a compreender as riquezas do conceito bíblico de paz. Paz significa o estabelecimento de uma posição cujo privilégio é o ACESSO CONFIANTE E IRRESTRITO À PRESENÇA DE DEUS. O favor divino é o próprio fundamento de nossa felicidade, por meio da qual desfrutamos genuína e sólida prosperidade, e pela qual também nossa salvação é promovida, ainda quando vivemos em meio à adversidade.

“Da parte de Deus... e do Senhor Jesus...” Todas as bênçãos divinas têm origem em Deus e se concretizam em nossas vidas pela mediação do Senhor Jesus.

1:8

Assim como a graça de Deus é comunicada aos homens por intermédio de Cristo, também é por meio de Cristo que a gratidão dos homens é comunicada a Deus. A obra mediadora de Cristo é exercida tanto para com Deus como para com o homem. Paulo tinha um íntimo relacionamento com Deus a ponto de chamá-lo de “meu Deus”, pois isto é a decorrência natural de um sadio relacionamento com o Senhor, ou seja, INTIMIDADE (Jr 30.22; Is 37.4; Dn 6.20).

“Em todo o mundo é divulgada a vossa fé”. (hipérbole) Paulo pensa em todos os lugares onde o Cristianismo fora estabelecido, nos quais o bom testemunho dos crentes de Roma ecoava.

1:9

Era de esperar que Paulo orasse metodicamente pelos que se converteram por seu trabalho. Mas esta passagem evidencia que suas orações ultrapassavam o círculo imediato de suas relações pessoais e de sua responsabilidade apostólica. Paulo tinha uma vida de oração, e tal prática o levava a amar a Deus e ao seu povo. O culto (*latris*=lit. serviço religioso) que Paulo presta é verdadeiramente espiritual, não é algo exterior, religioso, é verdadeira adoração.

1:10

Não se vê aqui qualquer pretensão de Paulo impor sua vontade a Deus, nem de saber qual será a vontade de Deus. Pelo contrário, ele submete sua vontade à de Deus.

1:11



O intenso desejo do apóstolo de visitar os santos de Roma tinha em mira um alvo particular, isto é, que ele pudesse transmitir-lhes algum dom espiritual que os confirmasse (sterizo=confirmar, tornar constante).

Um dom espiritual é algum dom que procede do Espírito Santo, sendo por Ele conferido. Paulo não especificou se tinha em vista algum dom miraculoso (I Co 12.9, 10,28,30) ou um dom gracioso de caráter mais genérico (11.29; 12.6,8; 15.29; I Co 1.7; I Pe 4.10). Dons miraculosos foram dados para a confirmação e edificação da igreja (I Co 12.9-13, 28-30; 14.3-5, 26-33; Ef 4.11-14; Hb 2.4). Tudo o que Paulo anelava era ser um canal para comunicar aos santos de Roma bênçãos espirituais.

1:12

Paulo tem consciência das bênçãos recíprocas que advêm da fraternidade cristã, e apesar de ser um apóstolo, não tem a pretensão de achar, nem permitiria que alguém entendesse que as vantagens espirituais, resultantes da sua estadia em Roma, seriam desfrutadas apenas por um dos lados.

1:13

O Senhor às vezes frustra os propósitos de seus santos com o fim de humilhá-los, e através de tal humilhação ensiná-los a sujeitarem-se à sua providência da qual dependem.

Paulo também desejava ganhar alguns **novos convertidos** em Roma, pois a idéia expressa é a de **colher frutos, não de cultivá-los**.

1:14

O evangelho alcança a todos: cultos e incultos, educados e não-educados. Portanto o que Paulo está dizendo é isto: “É minha divina vocação pregar o evangelho a gregos e bárbaros”. A referida dívida de Paulo significava a sua obrigação de evangelizar a todos os gentios de forma indiscriminada, decorrente diretamente da sua comissão apostólica. Quando Paulo falava *gregos* (hellenos) ele estava se referindo a todos os nascidos na Grécia ou que tinham assimilado a cultura grega, principalmente no tocante a língua, e quando fazia menção de bárbaros (quando um grego ouvia a conversa de um estrangeiro, a linguagem ininteligível deste lhe soava como *brrrrr-brrrrr*, fato que originou a palavra bárbaro) ele estava identificando todos os povos que não tinham ainda sido helenizados, ou seja, que não tinham incorporado a cultura grega.

Havia só uma mensagem para ambos (gregos e bárbaros). O povo de Listra costumava falar o idioma licaônio (At 14.1). Paulo levou-lhes o evangelho. Os



crentes de Roma eram fluentes em grego. Também ouviram o evangelho dos lábios de Paulo. De ambos, Paulo se considerava devedor em primeiro lugar por causa da comissão que Deus lhe dera; segundo, porque ele mesmo havia sido um perseguidor e fora resgatado de um modo inesquecivelmente gracioso.

1:15

Tendo Paulo estabelecido o fato de que sua obrigação era pregar o evangelho a todos, este versículo é uma declaração de que o que foi dito anteriormente se aplica a Roma.

1:16

Há um desprezo nutrido contra o evangelho pelo mundo, e em particular pelos sábios deste mundo (I Co 1.18, 23-25) e o fato de Roma ser na época a sede do poder mundial revela o motivo desta expressão negativa por parte do apóstolo Paulo. O sentimento de vergonha com relação ao evangelho quando confrontado com as pretensões de sabedoria e poder deste mundo, deixa transparecer INCREDELIDADE na verdade salvadora revelada por Deus; e a ausência de vergonha serve de comprovação à fé (Mc 8.38; II Tm 1.8).

Há um contínuo e progressivo desdobramento de motivos neste texto. Em primeiro lugar o apóstolo revela-nos que estava pronto para pregar o evangelho em Roma – ele não se envergonha do evangelho. Em seguida ele nos diz a razão para isto: o evangelho é “o poder de Deus para a salvação”. Então, por último, ele nos diz por que o evangelho é o poder de Deus para a salvação – porque nele “a justiça de Deus se revela” (v. 17).

Quando lemos: “É o poder de Deus para a salvação”, o sujeito da frase é o evangelho. O evangelho é a mensagem salvadora; Deus salva através da mensagem do evangelho (I Co 1.21). O poder de Deus, naquilo que se mostra operante para salvar, o faz exclusivamente por meio do evangelho.

“O poder de Deus” é o poder que pertence a Deus, portanto, é o poder caracterizado por qualidades especificamente divinas; por conseguinte significa que o tipo de poder em questão, nada mais é que a própria ONIPOTÊNCIA de Deus operando para a salvação.

A salvação proporcionada por Deus através do evangelho, precisa ser entendida tanto no conceito negativo como positivo, ou seja, livra da MORTE/PECADO e nos introduz na VIDA (restauração da comunhão com Deus)/JUSTIÇA(vida de Cristo=aquilo que agrada a Deus).

O poder de Deus para a salvação, não opera de forma incondicional e universal para a salvação. Sobre isso somos alertados nas palavras “de todo aquele que crê”. Estas palavras nos informam que a salvação nunca se torna realidade à parte da fé. A salvação não possui REALIDADE, VALIDADE ou SIGNIFICADO



independente da fé. Na economia divina, o evangelho deveria ser pregado primeiramente aos judeus (Lc 24.47; At 1.4,8; 13.46). As Escrituras indicam que a primazia dos judeus se fundamenta no fato de que eles foram escolhidos por Deus para receberem os oráculos de Deus, isto é, as diretrizes preparatórias (a Lei, as profecias) para uma revelação mais completa do evangelho foram lançadas em Israel (Jo 4.22; At 2.39; Rm 3.1,2; 9.4-5).

1:17

Aqui, a justiça de Deus é apresentada em um **duplo sentido** – 1) *Sua justiça pessoal* e 2) *a justiça com a qual Ele justifica os pecadores a partir da fé*. Na literatura de **Qumran** este conceito aparece. “Sua justiça apaga o meu pecado...Se tropeço devido à iniquidade da carne, o meu julgamento está na justiça de Deus que estará firme para sempre...Por Sua misericórdia Ele fez com que eu me aproximasse e por Sua amável bondade traz para perto dEle o meu julgamento”.

“**De fé em fé**”. Esta fórmula tem sido interpretada basicamente de três formas – a) aludindo a um avanço progressivo da fé, de um grau a outro b) ou como equivalente à expressão “pela fé somente” c) Como se significasse que a justiça de Deus vem pela fé, do princípio ao fim (ponto de vista majoritário).

“**O justo viverá pela fé**”. Estas palavras são oriundas de Habacuque

2.4. Entretanto, muitos estudiosos traduzem de maneira diferente a referida citação usada por Paulo: “**Aquele que pela fé é justo viverá**”. Um dos fortes argumentos em favor dessa tradução é que Paulo já havia usado esse texto anteriormente em Gálatas 3.11, como base bíblica para a justificação pela fé e não pela lei. Portanto tudo indica que é assim que Paulo entendia o texto. Portanto o que preocupa o apóstolo aqui não é como vivem os justos, mas como os pecadores se tornam justos.

O hebraico *emunah*, traduzido por “fé” em Hc 2.4 (LXX *pistis*), significa “perseverança” ou “fidelidade”. Na passagem de Habacuque esta perseverança ou fidelidade baseia-se numa firme confiança em Deus e Sua Palavra, e é esta a firme confiança que Paulo compreende pelo termo.

Para Paulo, como também para outros judeus, “vida”(principalmente eterna) e “salvação” são praticamente sinônimos (em aramaico a palavra *hayye* significa tanto “vida” como “salvação”). Deste modo podemos também traduzir o texto em questão sem modificar o entendimento de Paulo da seguinte maneira: “**Aquele que pela fé é justo se salvará**”. O que seria então fé na ótica de Paulo? Fé seria esta absoluta confiança em Deus e em Sua Palavra, confiança que faz o filho de Deus esperar nEle e se submeter à Sua vontade, tendo a certeza que ele



honrará as Suas promessas. Esta fé faz o salvo crer no evangelho, e na eficácia da obra de Cristo na cruz.

1:18

A ira de Deus é uma hostilidade santa contra aquilo que é contrário à Sua santidade, é a manifestação da sua recusa em suportar ou entrar em acordo com o pecado, é o Seu justo julgamento contra o mal.

A ira de Deus só se volta contra o mal. Nós nos zangamos quando nosso orgulho é ferido, mas Deus só é provocado pelo pecado.

O texto fala que essa ira se revela contra toda a impiedade (*“asebeidade” de “a”=não e “sebomai”=reverenciar ou recuar diante da divindade*) e injustiça (*adikia*). A impiedade é contra Deus (perversão de natureza religiosa) e a injustiça é contra os homens (perversão de natureza moral). A primeira precede e resulta na segunda. As Escrituras ensinam claramente que a essência do pecado é a impiedade, a ausência de Deus.

A ira de Deus opera de maneira eficiente e dinâmica no mundo dos homens, e, por ser procedente dos céus, o trono de Deus, ela é ativa. O verbo revelar (apokalypse) está no presente, indicando que tal ira refere-se a diversas manifestações que não se incluem na categoria de atos extraordinários e miraculosos de Deus (nos fatos da experiência humana, na vida corrente do mundo).

Os ímpios “reprimem”, “impedem” ou “combatem” a verdade de tal modo que impedem o fluxo de seus efeitos na sociedade. Tal “represamento” é efetivado pela injustiça, ou seja, eles sufocam a “revelação geral” da verdade por uma profusão de pecado.

REVELAÇÃO GERAL

Revelação Geral é a auto-revelação de Deus através das “coisas criadas”. Este tipo de revelação tem quatro características básicas. Primeiro, ela é “universal” ou “geral” porque se destina a todo o mundo e em todos os lugares. Nisso ela se opõe a “especial”, que é dada a pessoas específicas em lugares específicos, através de Cristo e dos autores bíblicos. Em segundo lugar, ele é “natural” porque se deu através da ordem natural. Nisso ela se opõe a “sobrenatural”, que envolve a encarnação do Filho e a inspiração das Escrituras. Em terceiro lugar ela é “contínua”, pois vem desde a criação do mundo e continua



dia após dia, ao contrário da “final”, que é completa em Cristo e nas Escrituras. E, finalmente ela é “criacional”, revelando a glória de Deus através da criação, no que se opõe à revelação “salvadora”, que manifesta a graça de Deus em Cristo.

1:19

Mesmo inteiramente à parte da revelação especial por meio do evangelho, o qual tantos gentios jamais ouviram, Deus se fez conhecer e continua agindo assim por meio de sua **revelação geral** na natureza, na História e na consciência: aqui como a seqüência indica, com ênfase na revelação de Deus na *natureza*, ou seja, na criação. Não que os homens, agindo por sua própria iniciativa, pudessem ter descoberto Deus, mas como a passagem expressa, Deus se deu a conhecer a eles o que quer que na área da criação se possa conhecer sobre Ele.

1:20

Os atributos invisíveis de Deus, isto é, aqueles que não são percebidos pelos sentidos (eterno poder, divindade), são claramente reconhecidos por meio das coisas que foram criadas (aparente paradoxo entre “não são percebidos” e “claramente reconhecidos”). Salienta-se a clareza oferecida pelas coisas que foram criadas, em mediar para nós a percepção dos atributos invisíveis de Deus – eles são percebidos com clareza. A expressão “desde o princípio do mundo” afirma que a manifestação dos atributos invisíveis de Deus tem sido verificada continuamente na obra visível da criação divina. Logicamente Paulo não tencionava com esses termos exaurir os atributos invisíveis de Deus, o Antigo Testamento menciona outros atributos que são demonstrados na criação visível de Deus, tais como a sabedoria, a bondade e sua justiça. Assim os atributos mencionados por Paulo são exemplificativos. Quando Paulo cita “Eterno poder” ele está dizendo algo específico que significa que o atributo de eternidade é predicado do poder de Deus. Fica implícito que a eternidade de Deus e a eternidade de seu poder estão em foco. “Divindade” é termo genérico, em distinção a poder que é específico. Portanto com as expressões citadas procura refletir “as perfeições divinas”.

Paulo procura ensinar que as obras da criação manifestam não algo finito, mas sim o poder eterno do Criador. Poderíamos dizer que Deus deixou sobre a Sua obra criada as “impressões digitais” de Sua glória e que esta se manifesta a todos. Entretanto tal revelação de Deus pelo que é natural (incluindo também a consciência) pode nos levar a conhecer o poder de Deus, sua divindade e glória, mas nunca sua graça salvadora que somente chega aos homens através de Cristo, isto é, essa sabedoria é suficiente, não para salvar os homens, mas para



condená-los, já que eles não vivem de acordo com ela. Esse conhecimento os tornou INDESCULPÁVEIS.

1:21

O conhecimento de Deus citado neste versículo é o que advém da REVELAÇÃO GERAL. Ao invés de se deixarem levar por esse conhecimento à adoração a Deus, os homens rejeitaram glorificar, adorar e render graças ao Criador, tornando-se fúteis e obscurecidos de coração. Os homens se distanciaram de Deus e como consequência ficaram sem entendimento, isto é, seus raciocínios tornaram-se iníquos e maus, pois a razão, divorciada da luz de Deus conduz a delírios de inutilidade.

1:22

A loucura (moros) ou estultícia citada nesse verso refere-se mais a um embotamento moral do que uma mera deficiência de inteligência, ou seja, o pecado implica numa progressiva degeneração moral do homem, que o impede de enxergar sua condição de coroa da criação (o homem não é um animal qualquer que age de modo instintivo como os demais seres inferiores) de Deus e consequentemente também o impossibilita de cumprir com seus deveres com o criador (adoração, honra, ações de graça, etc.).

1:23

Essa futilidade, escuridão e ignorância se manifestaram em sua idolatria e na troca absurda que essa idolatria gerou, isto é, “trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis”. Paulo tinha em mente as formas grosseiras de superstição e imoralidade que os gregos facilmente abraçavam. A idolatria moderna principalmente no ocidente, não é nada melhor do que a das sociedades antigas e das primitivas atuais. Trocar a adoração ao Deus vivo pelas obsessões modernas por dinheiro, fama e poder é tão tolo e reprovável por Deus que as práticas religiosas grosseiras dos pagãos da antiguidade.

1:24

A retribuição sempre opera como julgamento de Deus contra o pecado. A retribuição ao pecado da apostasia dos gentios foi a entrega destes à IMUNDÍCIA. A penalidade infligida pertence à esfera moral, distinta da esfera religiosa – a



degeneração religiosa é penalizada mediante a entrega à imoralidade. A palavra imundícia (*akarthasian*) geralmente está associada a aberração sexual (a forma particular desta aberração é indicada no verso 27).

“Deus entregou...”. Existe uma lei natural de conseqüências operantes no pecado que faz com que ele se intensifique e se agrave quando nenhuma restrição lhe é imposta. Esse ciclo e ou seqüência faz parte da retribuição contra o pecado.

1:25

VERDADE = CRIADOR

MENTIRA = CRIATURA

Aqui não se menciona a troca da glória de Deus por imagens, mas a troca da verdade de Deus pela mentira, não qualquer mentira, mas a maior de todas as mentiras. Pois é isso que a falsidade da idolatria é, já que implica em transferir nosso louvor para a criatura em lugar do Criador.

1:26

“Os entregou a paixões infames”; literalmente “a paixões de desonra” (*pathos atimias*). Paulo enfatiza o caráter vergonhoso dessas paixões, revelando que tipo de pecado ele tinha em mente quando se referiu à imundícia, isto é, a abominação do homossexualismo. No caso específico deste verso o pecado é o lesbianismo.

1:27

Paulo enfatiza neste verso o homossexualismo masculino, ensinando que tal pecado implica em uma ofensa a ordem divinamente constituída em relação ao sexo.

Na parte final do versículo o apóstolo ensina que a recompensa para esse tipo de pecado consiste na própria concupiscência atormentadora e nunca satisfeita, juntamente com as terríveis conseqüências físicas e morais desse tipo de devassidão.

1:28

Paulo considerava a abominação sexual como a mais clara das evidências sobre a degeneração a que as nações haviam sido entregues pela ira de Deus. Entretanto neste versículo o apóstolo nos mostra que o abandono judicial da parte de Deus não se limita àquela forma de degradação, e, nos versos 29 a 32, Paulo nos



fornece um sucinto catálogo de outros pecados aos quais as nações haviam sido entregues.

O pecado descrito neste verso refere-se à recusa dos homens em admitir Deus em seu conhecimento. Paulo faz um jogo de palavras, não muito fácil de traduzir do grego, entre *ouk edokimasan* (“eles acharam que não valia a pena”) e *adokimon noun* (“uma mente depravada”). Poder-se-ia dizer que “já que eles achavam que não valia a pena permanecer com a sabedoria de Deus, Ele os entregou a uma mente reprovável”. A impiedade do estado mental deles é evidente – não nutrem o conhecimento de Deus porque não o consideram digno de suas cogitações, de sua atenção. A justa retribuição é que o próprio Deus os entregou a uma disposição mental incapaz de qualquer atividade digna de aprovação ou estima. O julgamento de Deus recai sobre a sede dos pensamentos e da ação.

1:29

Paulo passa a apresentar uma relação de vinte e um hábitos pecaminosos. “Cheios de toda a injustiça”. **Injustiça** (*adikia*) é um termo genérico, sugerindo que esta é a espécie da qual os demais hábitos pecaminosos são especificações. O texto também ensina que esta injustiça passou a exercer de maneira total o controle sobre os homens, revelando um quadro de extrema degeneração.

“**Maldade**” (*poneria*). Refere-se às pessoas que se deleitam em fazer o que é errado.

“**Ganância**” (*pleonexia*). A avidez por ter cada vez mais posses, não importando como são obtidas.

“**Perversidade**” (*kakia*). A maldade em sentido geral. Muito difícil de distingui-la de *poneria*.

“**Inveja**” (*phthonou*). Intenso desgosto despertado por ver alguém possuir algo, o qual leva você a invejá-lo.

“**Homicídio**” (*phonou*). Frequentemente a inveja conduz ao homicídio.

“**Rivalidades**” (*eris*). Disposição belicosa e suas conseqüências.

“**Fraude**” (*dolou*). Astúcia, engano, traição.

“**Malícia**” (*kakoetheia*). Disposição natural para o mal, desejo de prejudicar alguém.

“**Difamadores**” (*psithuristes*). Literalmente “sussurradores”, referindo-se àqueles que difamam em secreto.

1:30



“Caluniadores” (*katalalos*). O que os mexeriqueiros fazem secretamente, os caluniadores fazem publicamente.

“Inimigos de Deus” (*theostuges*). Literalmente “aqueles que odeiam a Deus”.

“Insolentes” (*hubristes*).

“Arrogantes” (*huperephanos*). Acreditam que são “super-homens”.

“Presunçosos” (*alazon*). Pessoas que estão constantemente vangloriando-se de si mesmas.

“Inventores de males” (*epheuretas kakon*). Aqueles que se deleitam de forma especial inventando métodos “originais” de destruir seu semelhante.

“Desobedientes aos pais” (*goneusin apeitheis*).

1:31

“Insensatos” (*asunetos*). Destituídos de entendimento. Porém não equivale a uma mera debilidade mental. São indispostos para ouvir a Deus.

“Infiéis nos contratos ou pactos” (*asuntheton*). Aqueles que não são fiéis aos pactos e, portanto indignos de confiança.

“Sem afeição natural” (*astorgos*). Sem afeição natural (amor natural dos filhos pelos pais e vice versa). Não era incomum pagãos afogarem ou, de alguma outra forma, matarem o filho não desejado. O aborto é um exemplo desse tipo de pecado na atualidade.

“Sem misericórdia” (*anelemon*). Pessoas implacáveis.

1:32

Neste verso é considerada a acusação culminante contra aqueles que vinham sendo descritos pelo apóstolo, isto é, o fato de que os ímpios não somente praticam o mal, mas que também aprovam os que assim procedem.

“Conhecendo eles a sentença de Deus”. O que eles (gentios) conhecem, agora, não é a verdade de Deus (Cristo), mas o justo decreto de Deus (*dikaioma*=sentença de condenação, ordenança, ato de justiça, etc.).

A despeito de toda a degradação religiosa, moral e mental, delineada nos versículos anteriores, o apóstolo reconhece que essas mesmas pessoas (gentios) possuem conhecimento da justa sentença de Deus, no sentido de que os pecados perpetrados por eles merecem o castigo do inferno. Diante dessas afirmações de Paulo podemos tirar as seguintes inferências:

1) Os homens mais degradados, por haverem sido judicialmente abandonados por Deus, não estão destituídos do conhecimento e dos



justos juízos de Deus. Nos termos de Romanos 2.14-15, a consciência se faz ouvir.

- 2) Este conhecimento, por si mesmo, não impede que tais pessoas se entreguem aos pecados que, conforme sabem merecem o julgamento divino e resultam na morte (eterna).
- 3) O conhecimento do justo juízo de Deus não cria qualquer ódio contra o pecado nem fomenta qualquer disposição para os homens se arrependerem do pecado.